

## A MEDIAÇÃO NAS RELAÇÕES DE INTER (AÇÃO) COM SUJEITO AFÁSICO

*Brena Batista Caires*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Simone Maximo Pelis*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Débora Evelyn Macedo dos Santos Silva*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Nirvana Ferraz Santos Sampaio*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

### RESUMO:

Este artigo foi elaborado com base em observações e análises de dados constituídos a partir de registros de acompanhamentos do sujeito afásico “AA” em situações enunciativo-discursivas em interação com a pesquisadora “Ibb” no Espaço de Convivência entre Afásicos e Não Afásicos. Este trabalho tem como objetivo apresentar e elucidar a importância do pesquisador, na função de mediador, no processo de ressignificação da linguagem do sujeito afásico. Na perspectiva da Neurolinguística Discursiva, Coudry (2010, p.23) ressalta que o ponto de partida da interlocução é tudo aquilo que a ela diz respeito, consideram-se as relações que nela se estabelecem entre os sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias de cada um e seus atravessamentos. Nessa perspectiva, são consideradas, também, a condição de produção dos enunciados e as circunstâncias histórico-culturais, além disso, o papel do mediador é visto como relevante para a busca e o encontro do sujeito afásico com os significantes. Neste texto, serão apresentados dados, discussões e resultados sobre a reinserção social do sujeito afásico, serão observadas trocas linguísticas e as ações resultantes dessas trocas para o sujeito afásico.

**Palavras-Chaves:** Afasia. Mediador. Neurolinguística.

### INTRODUÇÃO

A linguagem é recoberta por todas as manifestações utilizadas pelos seres humanos para se interagirem uns com os outros. Segundo Saussure (1916. p.16 e 17), a linguagem é multiforme e heteróclita, apresentando-se ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, pertencendo ao domínio do social (língua) e individual (fala) sendo impossível conceber um

sem o outro. Na dicotomia<sup>1</sup> entre língua e fala, Saussure compara a língua “a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento ou o pensamento do som” (CLG, 131). Quando colocamos a língua em uso obtemos a fala. “A fala é um ato individual de vontade e inteligência [...] e dela o indivíduo é sempre senhor, pois ele pode escolher uma ou outra maneira de falar uma coisa embora a língua seja a mesma” (CLG, 21). A fala é uma das “faces” da comunicação, no entanto, há também a linguagem não verbal, que se manifesta através dos processos alternativos de comunicação como o gesto, o desenho, a escrita, entre outros, processos utilizados intensamente por indivíduos que apresentam alguma patologia na linguagem como, por exemplo, a afasia.

Coudry (1986) caracteriza a afasia da seguinte forma: “alterações do processo linguístico de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão cortical adquirida, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos” (COUDRY, 1986, p.6). Sendo assim, a afasia pode ocorrer em qualquer momento da vida do sujeito, em razão de um traumatismo cranioencefálico, de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), de uma ruptura de aneurisma, ou até mesmo por conta de um tumor que se desenvolveu no córtex cerebral. Além disso, essa autora destaca que do ponto de vista discursivo dos estudos da afasia, é necessário avaliar esse sujeito acometido, a partir de situações da vida social.

O indivíduo afásico, diante dessa nova realidade, se vê diante de algo destoante ao que estava habituado, tanto para ele quanto para sua família e todos que participam do seu ciclo de convivência. Dessa forma, é necessária uma “reinserção” do afásico, que leve em conta os aspectos biopsicossociais que estão envolvidos, afim de que se priorize a subjetividade de cada um nesse processo, pois mesmo se tratando do mesmo “distúrbio” de linguagem, cada um vai responder de forma distinta. Coadunando com tal perspectiva, Coudry (2010) define a neurolinguística discursiva (ND) como a teoria mais adequada para empregar na avaliação de linguagem dos afásicos, ratificando que essa prioriza a singularidade do dado na análise do pesquisador. O sujeito afásico passa então a ter um papel ativo no processo terapêutico, visto que é enfatizado como ele lida com a afasia, com suas dificuldades e como as reelabora, além da relação terapêutica entre paciente e terapeuta se dá, destaca-se ainda, esse papel, na presença do sujeito da linguagem e na linguagem. Assim, a linguagem não é um produto acabado sem a

---

<sup>1</sup> Uma divisão lógica de um conceito em dois outros conceitos, em geral contrários, que marcam a oposição de um para com o outro e juntos formam um conceito maior. As dicotomias Saussurianas são: língua/fala; significante/significado; sincronia/diacronia e as relações sintagmáticas e associativas.

participação do sujeito, visto que há ainda a atribuição de relevo para o papel exercido pelo “outro” nessa relação.

Reconhecendo a heterogeneidade característica da linguagem, alguns procedimentos avaliativos analíticos da neurolinguística tradicional possuem diversas inadequações por desconsiderar esse fator e por realizar testes padrões com tarefas descontextualizadas; a natureza das tarefas propostas corresponderem a exercícios fundados na língua escrita, e se embasarem em uma perspectiva teórica reducionista do fenômeno da linguagem. Na abordagem da ND, Coudry (2010) considera indispensável o acompanhamento longitudinal do afásico, apoiada em uma lógica discursiva, para uma avaliação de longo prazo sobre a linguagem desse sujeito. Esse tipo de acompanhamento mostra-se eficaz, visto que, além de avaliar o quadro clínico do sujeito, visualizam-se os processos alternativos de significação que o indivíduo desenvolve para lidar com as diversas situações a qual participa. Percebem-se através dessa abordagem que a significação se constrói em decorrência das condições eventuais de cada sujeito, que por vez estão relacionadas com questões sociais, culturais, política, ideológicas, ou seja, a significação não vem pronta e determinada no sistema linguístico, mas sobrevém de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (COUDRY, 2010, p. 17).

Nesse sentido, a pergunta que motiva esta pesquisa é: Qual o papel do mediador linguista na reorganização e reinserção social do sujeito afásico, de que maneira acontecem as trocas linguísticas e quais as ações resultantes dessas trocas?

Nesta perspectiva, apresentaremos o recorte de uma pesquisa de acompanhamento longitudinal, em que selecionamos um sujeito para discorrer seu processo de acompanhamento. O sujeito em questão é AA, homem de 76 anos, alfabetizado, estudou até o 2º ano do ensino fundamental, trabalhou como motorista/boiadeiro, antes do AVC possuía pouca prática com a leitura e a escrita que eram direcionadas para a leitura da Bíblia prioritariamente. Após o AVC, tais práticas se restringiram a execução de atividades exclusivas do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Neurolinguística (LAPEN), embora sua esposa estimulasse sua comunicação em casa. AA, pai de cinco filhos, foi acometido por dois acidentes vasculares cerebrais isquêmicos (AVCi) – o primeiro ocorreu em 30/08/2014, em casa, resultante de pressão arterial alta; o segundo aconteceu no dia 17/03/2016, após uma dor na perna e apresentação de sintomas como sudorese, fraqueza nas pernas, voz embolada, boca torta e isquemia – em ambos os casos foi examinado e diagnosticado.

AA apresentava em sua fala anomias e parafasias. De acordo com Morato (2002), essas seriam assim definidas em decorrência da dificuldade do sujeito em encontrar palavras durante a enunciação/fala espontânea. Anomia é caracterizada pela dificuldade de identificar objetos

ou ações pelo nome, e a parafasia está vinculada à substituição da palavra-alvo por outra ou semanticamente ou fonologicamente relacionada. Para superar esses dois tipos de contexto do qual esse sujeito afásico faz parte, ele faz uso de estratégias alternativas que o auxiliam a superar as dificuldades supracitadas. Neste trabalho, observa-se como o papel do mediador torna-se crucial no processo de reorganização e reestruturação da linguagem do sujeito AA. Pois em cada troca realizada entre investigador e sujeito estabelece-se uma interação dialógica que gera uma ação. Além disso, na perspectiva da linguagem em funcionamento, sob uma abordagem sócio-interacionista, evidencia-se a importância de olhar para o sujeito como um ser interativo, onde a linguagem acontece através das relações com o cotidiano e com o outro. Dessa forma, é possível direcionar o olhar para a reorganização da linguagem, a partir de um processo sociocultural.

Para desenvolver a pesquisa, metodologicamente, utilizou-se do acompanhamento longitudinal, em sessões mediadas por pesquisadores, de ocorrência semanal, individuais e em grupo, no Espaço de Convivência entre sujeitos afásicos e não afásicos (ECO/LAPEN/UESB). Nesse ambiente, o sujeito afásico participa, em interação com sujeitos que passam por problemas de linguagem semelhantes e sujeitos não afásicos, de situações que envolvem a comunicação e a linguagem verbal e não verbal, dando ênfase para comentários sobre os acontecimentos do mundo, do Brasil, da cidade, e do cotidiano familiar e pessoal de cada um. A dinâmica do grupo se dá por meio de registros, nas agendas, de fatos da vida pessoal, há também sessões de jogos, música, conversa e discussões, onde todos são ouvidos de maneira cooperativa. E há, ainda, o momento do lanche coletivo que possibilita a socialização, a descontração e a conversa entre os membros do grupo. O ECOA tem como objetivo observar questões linguísticas e, a partir das dificuldades dos sujeitos, fazer intervenções para que os afásicos possam estabelecer certa estabilidade diante dos sintomas afásicos inserindo-os novamente na sociedade por meio da linguagem em práticas sociais efetivas.

Seguindo as normas de uma pesquisa ética com seres humanos, foram entregues e assinados pelo sujeito AA o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE); o Consentimento de participação e o Termo de Autorização de uso de imagem e depoimento. A constituição dos dados seguiu a metodologia do “dado achado”, desenvolvida por Coudry desde 1982, essa metodologia considera a construção dos dados a partir de uma concepção de linguagem que assume a indeterminação dos processos de significação.

A seguir, serão discutidas questões relativas ao sujeito e a linguagem e serão, também, apresentados e analisados dados em que se observam um sujeito, e a sua condição de afásico, e um mediador no manejo com a linguagem, vejamos.

## 1. MOINHO DE VENTO: A AFASIA, O SUJEITO AFÁSICO E O PAPEL DO MEDIADOR LINGUÍSTA CAPTANDO SUBJETIVIDADES, CONVERTENDO EM SENTIDOS

Nesta seção, catalisaremos reflexões relevantes para o trabalho, vislumbrando o sujeito do consciente e o sujeito do inconsciente em meio à condição de afásico nas relações com as marcas linguísticas e as marcas no corpo. Coudry (1986/88, p.55) conceitua inicialmente a afasias como uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos.

Na perspectiva da ND, Coudry (2010) ressalta que o ponto de partida da interlocução e tudo aquilo que a ela diz respeito, ou seja, as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um, as condições em que se dão a produção e interpretação do que se dizem, as circunstâncias histórico-culturais<sup>2</sup> que condicionam o conhecimento partilhado e o jogo de imagens que se estabelece entre os interlocutores auxilia a dinâmica do acompanhamento e da prática (clínica), bem como a análise que se faz a partir dela, a posteriori provocando efeitos na relação teoria/prática clínica.

Os estudos desenvolvidos na ND estão ancorados, em parte, na abordagem histórico-cultural, por meio dos autores Vygotsky (1896), Luria (1979). Além disso, no estudo de questões relativas ao funcionamento da linguagem, têm-se como base, também, os trabalhos de autores como Jakobson (1969), Franchi (2011), Benveniste (1989) e Bakhtin (2012). Dentre os objetos de estudos da ND, destacam-se não só as alterações de linguagem decorrentes de lesões cerebrais como afasias, demências, epilepsias, mas também os chamados atrasos no desenvolvimento e da aprendizagem, bem como o funcionamento da linguagem “normal”, isto é, fora do âmbito das patologias (NOVAES-PINTO, 2012).

Várias acepções podem ser direcionadas para o termo sujeito. O Sujeito, segundo Lacan, tem o inconsciente estruturado a partir dos significantes homologados em sua historicidade. Dessa forma, ao debruçar-se sobre o modelo estrutural de Saussure, considerando proposições

---

<sup>2</sup> A teoria histórico-cultural tem suas origens nos estudos de Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934). Procurando entender a estagnação em que a psicologia se encontrava no início do século XX, Vygotsky desenvolveu estudos que demonstravam a mediação social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

de Jakobson, Lacan compreende o sujeito como uma *não forma* que ganha sentido a partir de seus significantes (os significados atribuídos pelos outros).

O significante é ele o senhor do jogo, e vocês não são mais do que o suposto, em relação a alguma coisa que é outra, para não dizer o Outro. Vocês não lhe dão sentido, nem sequer têm o suficiente para vocês próprios. Mas, lhe dão um corpo, a esse significante que os representa, o significante-mestre. (LACAN, 2011, p. 96)

A cadeia de significantes que os representa constitui-se na articulação do significado atribuído pelo outro por meio da inter (ação). Ainda que os significantes formem redes não reconhecidas pelo sujeito serão constituintes de uma trama simbólica, e denunciam que o sujeito é da ordem do simbólico.

O sujeito é da ordem do simbólico, referindo-se à multiplicidade pertinente a cada um, o lugar do significante; da ordem do imaginário, que busca no outro sua significação, a incompletude do eu; e da ordem do real, o impenetrável que permanece no sujeito (MAXIMO PELIS, 2020, p. 65).

Para Lacan, é na ação da linguagem (enunciados), representado pelo social, pelo histórico e suas atribuições pertinentes que emergirá o sujeito e lhe será concedido sentido a partir da relação com o outro, em um contínuo movimento de significar e receber significações. Temos aqui um sujeito clivado, dividido. Sim, o sujeito estará vinculado à significação da demanda de outro sujeito (SAMPAIO, MAXIMO PELIS e OLIVEIRA, 2020). Jakobson (1969, 2009) percebe este processo de comunicação contemplando inúmeros elementos como o código, mensagem, contexto e canal, remetente e destinatário, pode-se observar um sujeito aprisionando em uma relação binária e de equivalência entre os interlocutores. Neste ponto, em divergência, Lacan considera que “o Outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação a qual o sujeito se define, ganha identidade” (MUSSALIM 2003, p. 109). Portanto, sujeito será constituído por uma ação da linguagem (enunciados) cuja valoração é fundamentada em seu contexto histórico, vivências, e por tudo o que lhe é atribuído.

Podemos recorrer também às considerações feitas ao sujeito em meio às trocas simbólicas e as construções dos sentidos. Orlandi ao discorrer sobre como os sentidos e os sujeitos se constituem como efeitos de ressignificação acaba por conceber o sujeito linguístico histórico (ORLANDI, 2009). Isso quer dizer que o indivíduo é constituído a partir da

singularidade da linguagem e da relação com seus atravessamentos (sociais, culturais, históricos).

Sobre o sujeito AA, como informado anteriormente, sabe-se que, aos 76 anos, foi acometido por dois acidentes vasculares cerebrais isquêmicos em um intervalo de dois anos. No que se refere à linguagem de AA pós AVCs, a principal dificuldade foi na fala, fazia substituição de palavras, sintomas característicos da anomia e da parafasia. Além do acompanhamento no Lapen/ECOIA, AA também se tratava com o médico neurologista. Inserido na dinâmica do Lapen/ECOIA, este sujeito foi acompanhado de acordo às suas particularidades e em respeito à sua subjetividade. Percebeu-se gradativamente que as sessões ajudaram de maneira significativa na interação de AA com um maior número de pessoas (pois depois dos AVCs ele se comunicava apenas com a esposa, a sogra e dois dos seus filhos), além disso, houve uma socialização com os outros sujeitos afásicos participantes do grupo e, ainda, estabeleceu-se uma relação de confiança entre AA e a investigadora/interlocutora/mediadora Ibb, dessa forma, o sujeito sentia-se seguro para expor as suas angústias e vitórias.

Segundo Cota (2012, p. 33) a linguagem se constitui em movimento entre um eu, o outro e o mundo. Esse movimento é contínuo. A linguagem é dinâmica e, quando materializada, posta em ação, faz uso do simbólico, e tem no “outro” parte essencial desse mecanismo. O outro nas análises da próxima seção deste texto é o mediador das atividades enunciativo-discursivas. O mediador pode ser conceituado como aquele que serve de intermediário, de elo, que medeia. No que se refere à afasia, acontecem inúmeras alterações na linguagem, na vida social, pessoal, emocional e profissional de indivíduos que a possuem. Essa alteração torna a linguagem do sujeito atípica, um lugar de caos. A passagem do caos à ordem faz-se por meio de um ato de linguagem, dessa forma, Fiorin (2001, p.13) ao resgatar a gênese do Universo, explicita a atividade constitutiva da linguagem e como a realidade é materializada pela linguagem, de forma histórica e coletiva. A natureza constitutiva da linguagem é revelada por categorias reconhecidas na enunciação (tempo, espaço e pessoa). Benveniste (1989) diz que quem fala, fala a alguém. Esse é o tu. O mediador é o “tu” neste processo de constituição da linguagem. Ao estabelecer o processo enunciativo, o “tu” deve considerar na interlocução, suas implicações e condição de produção, pois é essencial, para a análise e interpretação do dado-achado e do dado-singular, aquele em que o fato linguístico se apresenta de maneira indeterminada (COUDRY, 2010, p. 26) na relação constitutiva entre sujeito e linguagem, considerando a linguagem não somente instrumento de inserção do homem entre os outros, mas também como instrumento da intervenção entre cada um de nós e o mundo (FRANCHI, 2001, p. 56).

O “Tu”, ao tornar-se o “eu” nesse mecanismo da linguagem, apropria-se do efeito de sentido do enunciador devolvendo a ele (agora TU) possibilidades que, devido à alteração da linguagem, o sujeito não consegue expressar. Sendo assim, o mediador, o “Tu”, o outro, faz o papel de um moinho de vento, ao captar as subjetividades do sujeito e conduzi-lo na construção de sentidos.

## 2. RESULTADO E DISCUSSÕES

Nesta seção, discutiremos recortes de dois episódios que aconteceram nas seções de acompanhamento longitudinal com o senhor AA, extraídos da Dissertação de Mestrado de Caires (2018) e apresentados no XVIII Colóquio do Museu Pedagógico – UESB (2019). No quadro 1, a seguir, a temática da interação versa sobre um encontro ocorrido dias antes no ECOA. O sujeito AA busca formas alternativas para se fazer compreendido. O mediador, aqui identificado como Ibb, ao capturar o sentido do enunciado, colabora com a construção do sentido, observem:

**Quadro 1 - Episódio: “O bicho”**

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Ibb	Lembra daquela vez que o senhor veio aqui e a gente viu um vídeo/cê lembra?		
2	AA	Sim, lembro! <b>Já foi e já voltou e não vei/é aqui porque, quando chega aqui eles já vieram. Mas rapaz trouxeram um negócio aqui que eu não gostei daquele não</b>	<b>Circunlóquio</b>	
3	Ibb	O que que trouxeram?		
4	AA	<b>Aquele/ que menino gosta né?! Botou um <i>bicho</i> deste tamanho eu quero saber disso! eu não gostei daquilo não!</b>	<b>Paráfrase/ Metonímia</b>	(Gesto de Ação) Demonstra com as mãos o tamanho da boca do “bicho”
5	AA	<b>Ah, eu não gostei daquilo não moça! Eu não posso ficar/ainda mais preto ali ó</b>		

6	AA	<b>Ah, eu já digo, eu não vou gostar desse trem não moça!</b>		
7	Ibb	<b>Foi o filme, cê não gostou de assistir o filme não!</b>		Pequena pausa
8	Ibb	<b>Pois é seu AA, o senhor voltou né! Já estava fazendo falta.</b>		

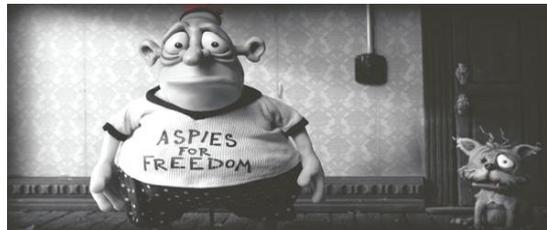
Fonte: (CAIRES, 2018, 2019)

Primeiramente a investigadora faz uma prelação sobre o encontro anterior, realizado em grupo, como de costume, quinzenalmente com todos os participantes do ECOA. Nesse encontro, as pesquisadoras responsáveis pela mediação do grupo levaram o filme animado “Mary e Max: Uma amizade diferente” (Austrália, 2009), em seu roteiro, este filme mostra a história de dois personagens, Mary Dinkley uma menina de oito anos gordinha e solitária que não tem amigos e que vive no subúrbio de Melbourne, na Austrália, e Max Horovitz, judeu de 44 anos que tem síndrome de Asperger (um tipo de autismo), obeso e também vive sozinho na cidade de Nova York. Mesmo com tamanha distância e com a diferença de idade existente entre eles, Mary e Max desenvolvem uma forte amizade, que transcorre de acordo com os altos e baixos da vida. A escolha da temática é pautada na perspectiva da realidade de vida dos sujeitos percebida e preparada pela pesquisadora.

De acordo com Sampaio (2015), a memória e a linguagem (inter) atuam como processos cognitivos, isto é, como processos de conhecimento, porque a linguagem não é somente um instrumento de comunicação, ela é um instrumento socializador, um mediador das relações entre o ser humano e o mundo. Ao ser questionado sobre o ocorrido na sessão anterior, AA mostra-se lúcido quando afirma “Sim! Lembro”, e nesta afirmativa está evidente que a capacidade de armazenar e recuperar as informações disponíveis internamente no cérebro está preservada em AA e, além disso, observa-se também marcas de sua subjetividade quando afirma e posiciona-se: “Mas rapaz trouxeram um negócio aqui que eu não gostei daquele não/ Botou um bicho deste tamanho eu quero saber disso! Eu não gostei daquilo não!”. A pesquisadora se atém às marcas do “eu” que evidencia que ele não gostou do filme “eu não gostei daquilo não”. Para movimentar, o moinho se converte as subjetividades em sentido, a pesquisadora insiste na atividade enunciativo-discursiva questionando-o a respeito dos motivos pelos quais ele não simpatizou com o filme. AA enfatizou o tamanho do “bicho” uma parafasia utilizada para se referir ao personagem Max, e ainda faz uso da linguagem não verbal, o gesto (turno 4) para representar o tamanho da boca do “bicho”.

No turno 4, o gesto de “demonstrar com as mãos o tamanho da boca do bicho”, acompanha o enunciado verbal do sujeito AA “Aquele/que menino gosta né?! Botou um bicho deste tamanho (Gesto) eu quero saber disso! Eu não gostei daquilo não! A boca de Marx é o traço mais característico que AA consegue descrever o personagem, e, ao mesmo tempo, permite que Ibb o identifique. Vejamos a imagem do personagem Marx:

**Figura 1: Marx**



Fonte: <http://lounge.obviousmag.org/memoria>

Ao mediador, cabe fazer o seguinte questionamento: Qual o motivo que levaria AA a tamanha ênfase à boca do personagem Marx? Ele demonstra certo incômodo com a imagem deste personagem, será que Marx desperta algum aspecto do interior de AA? Por exemplo, um tipo de emoção, angústia, ou até mesmo uma memória. A inquietação de AA diante do tamanho da boca do personagem revela aspectos subjetivos específicos deste sujeito percebidos por Ibb. Consideramos que é relevante compreender que há uma incompletude no que tange à linguagem, o discurso e o seu percurso sócio histórico e que subjetividade dos sujeitos se constrói a partir das relações com o outro e, neste sentido, a linguagem é vista, não como uma ferramenta, mas como uma atividade que é intrínseca ao ser o humano e, portanto, humanizadora (SENHORINI; SANTANA; SANTOS 2016).

Podemos inferir que a dificuldade de AA em acessar o nome do personagem do filme Marx, identificado com “bicho” pelo sujeito, tenha relação com o fato de ser um filme de animação “aquele/ que menino gosta né?!” (turno 4), talvez ele não tenha gostado por achar coisa de criança, infantil; outra possibilidade é que o nome “Marx” é uma palavra estrangeira, pode ser que ele não consegue pronunciar. Cabe ressaltar a relevância do processo de significação que AA utilizou neste enunciado, podemos perceber uma perspectiva abrangente que perpassa o sistema linguístico propriamente dito.

Nesse sentido, consideramos que, para que haja a reestruturação da linguagem, é necessário que haja interação social, ou seja, que os indivíduos afásicos e não afásicos, investigadores e interventores, executem a reciprocidade no processo de ajuda mútua. Por meio das reuniões em grupos e acompanhamento individual, realizados no ECOA, buscamos

observar como o sujeito reage à fala e à escrita, assim como a relação de reciprocidade entre mediador e sujeito. No episódio abaixo, percebemos essas relações.

**Quadro 2- Episódio: “três quatro puxando atrás do outro”**

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	AA	Esse que tá aí é o caçula		
2	Ibb	Seu filho?		
3	AA	Sim, e eu lutei moço, para tomar conta do carro né/quando eu comecei sentindo que tava ruim né, ai ele não quis carro não. O outro tem um, mas, <b>é igual aquele que tem três quatro puxando um atrás do outro</b> né/carro ele não quer não.	Paráfrase	
4	Ibb	Três quatro puxando um atrás do outro! É o que, a carreta?		(Gesto de função) Faz com as mãos uma possível representação
5	AA	Isso, é! /E o meu puxava era boi né...		

Fonte: (CAIRES, 2018, 2019)

Falar sobre o episódio neurológico e as mudanças na sua vida era temática recorrente nas sessões de acompanhamento com AA, no quadro acima, verifica-se, em meio a marcas de subjetividade, a necessidade de continuidade da profissão na pessoa do filho. Assim, AA evidencia as dificuldades ocasionadas pelo AVC: “Eu comecei sentindo que estava ruim” e demonstra o desejo em querer que o seu filho mais novo dê continuidade ao seu trabalho de caminhoneiro e boiadeiro, “Sim, e eu lutei moço, para tomar conta do carro né/quando eu comecei sentindo que tava ruim né, ai ele não quis carro não”. Em todas as sessões realizadas com este sujeito, a sua trajetória de boiadeiro também era recorrente. Dessa forma, as investigadoras procuraram propor atividades que explanassem essa temática, assim, recursos como músicas de cantores que AA apreciava (Milionário e José Rico, Almir Sater), além de apresentar imagens, textos ou histórias relacionadas a caminhão ou caminhoneiro, foram utilizados de forma contextualizada e significativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da Neurolinguística Discursiva (ND), Coudry (2010) ressalta que o ponto de partida da interlocução é tudo aquilo que a ela diz respeito, ou seja, as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um. Nesse sentido, consideramos que para que haja a reestruturação da linguagem é necessário que haja interação social, ou seja, que indivíduos afásicos e não afásicos, investigadores/mediadores e interventores, executem a reciprocidade no processo de ajuda mútua.

Por meio das reuniões em grupo e dos acompanhamentos individuais, realizados no ECOA, buscamos observar como o sujeito reage à fala e à escrita, assim como à relação de reciprocidade entre mediador e sujeito. Há uma troca mútua na interação entre sujeito-pesquisador que possibilita a reconstrução da linguagem e a reintegração social, pois tais sujeitos demonstram e consideram o ECOA como um espaço de bem-estar ajuda e acolhimento. O mediador desempenha o papel de intervir, estimular e proporcionar diversas alternativas para o sujeito exercer a linguagem, se sentir seguro para se expressar e reconhecer que é possível a reorganização da linguagem e/ou se perceber em uma nova condição de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAIRES, B.B. **Anomia, parafasia e processos alternativos de significação: a linguagem de AA e AM**. 2018. 91f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação strictu sensu em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. 2018, p 100.
- CAIRES, B.B., O Gesto e a Produção de Sentido na Linguagem do Sujeito AA, **XIII Colóquio do Museu Pedagógico**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil. Vol. 13, No 1, 2019. Disponível em <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/8937>
- COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso: Avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos, de uma perspectiva discursiva**. Orientador: Prof.Dr. Carlos Franchi. 1986. 277 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1986.
- COUDRY, M.I. H. **Caminhos da Neurolinguística Discursiva**. São Paulo, Mercado das Letras, 2010. 399p.
- COTA, R.I. **O que ECOA o sujeito afásico RG em um estudo neurolinguístico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação strictu sensu em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. 2012.

FRANCHI, Carlos; FIORIN, José Luiz; ILARI, Rodolfo. **Linguagem Atividade Constitutiva – Teoria e Poesia**. São Paulo. Parábola Editorial. 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Editora Cultrix. São Paulo. SP. 1969, 2009.

LACAN, Jacques. **Estou Falando com as Paredes, conversas na Capela de Saint-Anne**. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

MAXIMO PELIS S. **Silêncio a Linguagem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos**. Dissertação de Mestrado. Vitória da Conquista, BA: Programa de Pós Graduação em Linguística, UESB-BA; 2020. p. 138.

MORATO, Edwiges Maria. **Linguagem e Cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. 2 ed. São Paulo. Plexus Editora. 2002.

MUSSALIM, Fernanda. Análise de Discurso. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.) **Introdução à Linguística 2 – Domínios e Fronteiras**. São Paulo. Editora Cortez, 2003 p.: 101-142.

PINTO, R.C.N. Cérebro, Linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio histórico cultural: inferências a partir dos estudos das afasias. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos; PELIS, Simone Maximo; OLIVEIRA, José Carlos Martins. **Aspectos relevantes do silêncio para a construção do sentido em dados de uma idosa moradora de uma instituição de longa permanência**. Revista Letras Raras, [S.l.], v. 9, n. 1, p. Port. 94-119 / Eng. 89-116, mar. 2020. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1569>>. Acesso em: 28 mar. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1569>.

SAUSSURE, Ferdinand (1916/69). **Curso de Linguística Geral**: São Paulo: Cultrix. (Edição consultada 2012). CLG.

SENHORI, G; SANTANA A.P. O; SANTOS, K.P, et.al. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística-enunciativo-discursiva. **SEFAC**, Maringá- PR, v. 1n.18, p. 309-322, 2016.

#### SOBRE O(A/S) AUTORA(A/S)

##### **Brena Batista Caires**

Pedagoga, Doutoranda e Mestre em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; UESB /PPGLin/ GPEN/Lapen / Ecoa. [brendynhacaires@hotmail.com](mailto:brendynhacaires@hotmail.com)

**Simone Maximo Pelis**

Psicóloga, Doutoranda e Mestre em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; UESB /PPGLin/ GPEN/Lapen / Ecoa, [Simone.maximo@gmail.com](mailto:Simone.maximo@gmail.com)

**Débora Evelyn Macedo dos Santos Silva**

Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; discente bolsista da Iniciação Científica UESB /PPGLin/ GPEN/Lapen / Ecoa [deborah.evellynn04@gmail.com](mailto:deborah.evellynn04@gmail.com)

**Nirvana Ferraz Santos Sampaio**

Doutora em Linguística pela Unicamp; Mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo; Professora Plena do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB) [nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br)